

Brasil pede reunião mundial sobre dívida

Washington — Em sua última apresentação pública perante os representantes dos 151 países que fazem parte do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, afirmou que o atual processo de renegociação da dívida externa com os banqueiros é inviável. Disse que o mecanismo exercitado ao longo dos últimos sete anos é um fracasso. Sugeriu que se realize urgentemente uma reunião internacional para repensar o assunto.

"O enfoque dado até aqui levou os devedores a lugar nenhum", disse o ministro. "Se queremos realmente evitar que a próxima década seja uma prolongação dos problemas dos anos 80, ou que venha a agravá-los, é essencial caminharmos na direção

de uma solução definitiva para o problema da dívida internacional".

Afirmou que hoje a América Latina "está vivendo sob um estado de sítio", do ponto de vista econômico. "É hora — em sua opinião — de se mudar esse tipo de relacionamento: o Brasil quer que as conversas entre credores e devedores deixe de ser bilateral, passando a ter outros participantes".

"A iniciativa Brady (que propõe a redução da dívida) deve ser fortalecida. Esse reforço requer um envolvimento mais direto e ativo das instituições financeiras internacionais no processo de negociação", disse Maílson da Nóbrega.

"A questão que se levanta é se tais operações não deveriam também compreender a redução da dívida

em vez de considerar apenas o rescalonamento do principal e dos juros. Tal ação serviria como uma demonstração efetiva aos bancos comerciais de que os governos estão preparados para fazer aquilo que eles estão exigindo dos bancos comerciais", disse Maílson da Nóbrega.

"Soluções que implicam na continuação de substanciais transferências negativas (dos devedores para os credores) não são soluções, mas a continuação dos sacrifícios e das incertezas dos anos 80", concluiu. "Por isso, acho que deveria dar-se consideração à necessidade de se preparar, cuidadosamente, uma conferência internacional para discutir esses assuntos em alto nível.

REUTERS



Luis Fernando Alarcon-Mantilla (E) e Francisco Ortega, da Colômbia, preparam documento ao FMI